



TURMA PIONEIRA, TURMA MARIA QUITÉRIA

Em abril de 1992, quando chegamos à antiga Escola de Administração do Exército (EsAEx), hoje Escola de Formação Complementar do Exército (ESFCEX), em Salvador (BA), éramos 52 mulheres, cheias de sonhos e apreensões. Após o histórico grupo de enfermeiras, que partiu para a Itália com a Força Expedicionária Brasileira, em 1944, era a primeira vez que o Exército abria as portas para o segmento feminino. Formávamos um grupo bem heterogêneo, oriundo de todas as regiões do País, variando entre 22 e 36 anos de idade, limite máximo para a inscrição no concurso. Cada uma com sua história de vida: solteiras, casadas, mães de filhos pequenos, mães de adolescentes, mães solteiras ou arrimos de família. Lá éramos todas iguais, sufocando a saudade da família, do lar e do conforto, em busca de um ideal, de um futuro promissor, de uma carreira, no verdadeiro sentido da palavra.

Apesar de o Exército ter sido a última Força a admitir mulheres em suas fileiras, quando o fez foi com turmas mistas, ao contrário da Marinha e da Aeronáutica, que compunham quadros femininos. Nossa distinção em relação aos homens limitava-se aos índices para os testes físicos, adaptados ao biotipo feminino. Interessante iniciar um curso de formação militar após terminar um curso universitário: é um mundo à parte. No Quadro Complementar de Oficiais (QCO), ao qual pertencemos, sempre há um grupo de ex-oficiais temporários ou de ex-sargentos com uma experiência militar anterior. Para nós, pioneiras da turma que teria como Patrona Maria Quitéria, o conhecimento dos assuntos da caserna era totalmente nulo. Cada instrução era uma surpresa: desde uma simples continência bem feita: mão espalmada, dedos unidos, “polegar também é dedo”, repetiam nossos instrutores, “atitude, gesto e duração...!”



até as instruções de tiro noturno, câmara de gás e ofidismo. Quando nossas zelosas mães imaginariam nos enviar para tais atividades?

Mas lá estávamos nós, contra todos os percalços, travando nossa guerra interior pela vitória coletiva. Como novatas nas ciências bélicas, não entendíamos muitas das exigências, mas deveríamos nos adaptar aos pilares daquela instituição secular, afinal, não estávamos ali compulsadas e poderíamos pedir desligamento quando bem desejássemos. E aquele era apenas o começo. Tivemos nossa majestosa formatura ao final do mesmo ano e fomos designadas, como Primeiro-Tenentes, para os mais diversos rincões do nosso imenso País. Nem todas puderam voltar para a terra natal, após classificação no curso por mérito, contudo, iniciamos nossa trajetória da mesma forma que qualquer militar: tirando serviço de 24 horas, armadas; respondendo pelos quartéis na ausência de nossos superiores; tentando modular a agudez da voz para que um

brado ou um comando feminino em formatura com os subordinados não arrancasse risos furtivos, ao invés de respeito; fazendo ronda noturna; inspecionando armamento e paiol de munição.

Sob os olhares céticos de uns e de admiração de outros, como é normal em qualquer pioneirismo, chegamos hoje ao nosso jubileu de prata, tentando, pelo exemplo, abrir caminhos para as novas gerações. Fomos, a cada missão, compreendendo os porquês de todas aquelas exigências iniciais, como que encaixando peças de um grande quebra-cabeça Verde-Oliva e descobrindo, a cada peça colocada, delinear-se o contorno da nossa Bandeira. E quando conseguimos encaixar a peça certa? Conseguimos encaixar a peça certa quando vimos aqueles rapazes que chegaram ao quartel para cumprir o serviço militar obrigatório, sem motivação, sem brilho no olhar, muitas vezes sem saber





Formatura da Turma Maria Quitéria, com o então Ministro do Exército General Zenildo Zoroastro de Lucena ao centro.

o que é ter três refeições por dia, chorando, no dia de suas baixas, abraçados aos amigos-irmãos, tristes em deixar para trás a Instituição que os acolheu, mas com olhar confiante, físico constituído e caminhar altivo.

Conseguimos encaixar a peça certa quando vimos, e algumas de nós até incorporamos, nossas tropas em atividades de Garantia da Lei e da Ordem, defendendo o nosso povo quando ambas já perderam o controle.

Conseguimos encaixar a peça certa ao fazer parte das ações subsidiárias realizadas pelo nosso Exército, em momentos de catástrofes naturais, em construção de pontes e estradas, em perfuração de poços artesianos, a fim de melhorar as condições de vida de milhares de brasileiros.

Conseguimos encaixar a peça certa quando testemunhamos o trabalho silente de nossos soldados em nossas fronteiras, defensivos e vigilantes, em variados tipos de clima e de terreno, diuturnamente, com ou sem suas famílias, pelo simples sentimento de cumprimento do dever.

Conseguimos encaixar a peça certa quando vemos ou integramos uma Missão de Paz, levando o Braço Forte e a Mão Amiga para

outras culturas que, apesar das diferenças, em pouco tempo nos acolhe e nos sorri um sorriso de gratidão.

E foi assim que, através desses últimos 25 anos, nós, da primeira turma que incorporou o segmento feminino no Exército, vivenciamos um pouco da grandiosidade da nossa Força Terrestre, contribuindo como soldados sim, mas também como professoras, advogadas, estatísticas, administradoras, cientistas da computação, veterinárias, contadoras e enfermeiras, para tornar ainda mais sólidas as estacas de sua atividade-fim. E foi com maestria que o fizemos, pois nunca deixamos de ser aquelas, lá do início: algumas solteiras, outras casadas, mães de filhos pequenos, mães de adolescentes, mães solteiras ou arrimos de família, antes tenentes, agora coronéis, mas ainda com uma estrofe da canção da antiga EsAEx em nossos corações e mentes:

“Avante minha Escola tão querida,
Conserva o denodo varonil,
Buscando ensinar que nossa vida
Se engrandece a serviço do Brasil...”.

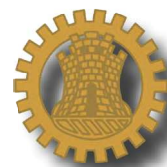


A Autora

Coronel Carla Beatriz é uma das pioneiras da Turma Maria Quitéria, da área de Magistério-Inglês; professora de inglês na Divisão de Idiomas do Centro de Estudos de Pessoal (1992-2003); Auxiliar de Estado-Maior Pessoal e Chefe do Departamento de Pessoal na Escola Superior de Guerra (2003-2006); Chefe da Seção de Idiomas da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (2006-2012); Chefe da Seção de Intérpretes do 17º Contingente do Batalhão Brasileiro de Força de Paz na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (Nov 2012 - Jun 2013); Adjunto do Curso Internacional de Estudos Estratégicos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (2013/2014); Instrutora de inglês na Escola de Línguas das Forças Canadenses (Quebec-CA) (Ago 2014 - Ago 2015). Atualmente é Chefe da Seção de Redação do Centro de Comunicação Social do Exército.



TENENTE-CORONEL QEM LUCIENE DA SILVA DEMENICIS



Integrante da primeira turma de mulheres que ingressaram no IME



No dia 28 de abril de 2017, a Tenente-Coronel Luciene foi promovida, por merecimento, ao posto atual. Graduiu-se em Engenharia Elétrica, com ênfase em Telecomunicações, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em dezembro de 1993, onde concluiu, também, os cursos de Pós-graduação, de Mestrado e de Doutorado.

Ingressou nas fileiras do Exército Brasileiro em 1997, tendo sido aprovada no primeiro processo seletivo para mulheres nos concursos do Instituto Militar de Engenharia (IME), concluindo, no mesmo ano, o Curso de Formação de Oficiais (CFO).

Serviu no antigo Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPD), atual Centro Tecnológico do Exército (CTEx), onde trabalhou no projeto dos Óculos e Monóculo de Visão Noturna por intensificação de luz residual.

Possui os Cursos de Aperfeiçoamento Militar (CAM) e o Preparatório para o Curso de Direção para Engenheiros Militares (CP/ECEME). Foi professora do IME por 11 anos, quando ministrou diversas disciplinas para os alunos dos cursos de Graduação em Engenharia Eletrônica e Elétrica e de Comunicações. A partir de 2015, passou à disposição do Comando da Aeronáutica, a fim de integrar a primeira equipe de militares oriundos das três Forças Armadas responsável, juntamente com a empresa Telebrás, pelo controle e operação do Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC), lançado no último dia 04 de maio.

Hoje, a Ten Cel **Luciene da Silva Demenicis** é Chefe da Divisão de Engenharia de Satélite do COPE-P (Centro de Operações Espaciais Principal) – Comando da Aeronáutica – Comando Geral de Operações Aéreas. 